

UM MERGULHO EM *ÁGUA FUNDA*, DE RUTH GUIMARÃES: A LITERATURA REGIONALISTA E AS SIMBOLOGIAS DA ÁGUA

João Francisco Pereira Nunes Junqueira¹
Raíssa Maria Ribeiro do Prado²

RESUMO

Este artigo busca realizar uma análise do romance *Água Funda* da escritora Ruth Guimarães e verificar sua integração na Literatura Regionalista. Os estudos sobre o regionalismo foram realizados com base em Candido (1987) e Barbosa (1983), a fim de verificar como se qualifica a obra de Guimarães (2018) dentro do regionalismo brasileiro. Embasando-se em Benjamin (1994), foi realizada a análise do narrador da obra, e para análise do discurso de *Água Funda*, o qual se apoia em aspectos da natureza, verificou-se, à luz de Bachelard (2002) e Durand (2002), como as simbologias da água contribuíram para o universo diegético do romance.

Palavras-chave: Literatura Regionalista, Ruth Guimarães, Análise literária, Simbologias da água.

Introdução

No ano de 1946, entre os destaques literários, encontrava-se a escritora cachoeirense Ruth Guimarães, com seu romance de estreia *Água Funda*, o qual retrata a vida de um grupo de moradores dos arredores da fazenda fictícia Olhos d'Água, localizada no Vale do Paraíba. *Água Funda* insere-se, assim, na literatura regionalista, uma vez que narra a vida do homem caipira, seus costumes, crenças e filosofias de vida, além de retratar o espaço e a cultura regionais.

Antonio Candido (1987) afirma que, ainda que aborde temas ou linguagem peculiares, a literatura regionalista não deve se distanciar de questões humanas recorrentes em qualquer tempo ou espaço, apresentando, desse modo, as indagações humanas universais. Concomitantemente a isto, o regionalismo remete ao tratamento da linguagem que se aproxima do modo de falar do homem periférico.

Pensando desse modo, este artigo justifica-se pelas indagações acerca do romance *Água Funda*, no que se refere à sua integração nesta chamada literatura

¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP. E-mail: jfpnunqueira@yahoo.com.br

² Mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade de Taubaté, UNITAU. E-mail: raissa.ribeiro16@hotmail.com

regionalista, como forma de expressão cultural que dialoga com o folclore e saberes populares do Vale do Paraíba. A partir da leitura do romance, verificou-se a forte presença da imagem da água, em diversas passagens da história, sendo empregada como metáfora para os acontecimentos da vida do povo. Por meio das comparações com a água, a qual aparece no romance em suas variadas simbologias, feitas por um narrador que faz parte do universo diegético do romance, a autora embeleza sua obra e aproxima ainda mais o leitor do universo rural, no qual a natureza está muito presente.

Assim, este trabalho pretende analisar elementos de *Água Funda*, como narrador, espaço e tempo, além da presença das imagens da água que desempenham papel importante na construção do universo simbólico do romance. Além disso, espera-se verificar como o romance *Água Funda* é integrado na chamada Literatura Regionalista. Para a realização destas análises, são utilizados, principalmente, os estudos de Walter Benjamin (1994), Bachelard (2002), Durand (2002) e Candido (1946). Primeiramente, são apresentados o romance *Água Funda* e um levantamento crítico sobre a obra. Após isto, aponta-se, de forma breve, os conceitos de Literatura Regionalista, e em seguida, são feitas as análises da obra. Espera-se, por meio deste artigo, destacar a importância do romance *Água Funda* para a literatura valeparaibana e brasileira nos âmbitos cultural e literário.

O romance *Água Funda*

O romance *Água Funda* é dividido em dois eixos, que se entrelaçam ao decorrer da narrativa. Inicialmente, é narrada a história de Sinhá Carolina, a proprietária de Olhos d'Água, uma fazenda no sul de Minas, do tempo dos escravos, que aparece como espaço central da história. Sinhá Carolina é uma jovem rica, bonita, soberba e autoritária, que se casa contra a vontade dos pais, por isso sofre em silêncio quando o marido se mostra infiel. Este sofrimento torna Sinhá Carolina uma mulher fria, que irá comandar sua fazenda com autoridade e sem complacência. Com a viuvez, Sinhá Carolina dedica-se à criação da filha Gertrudes, de gênio muito parecido ao da mãe.

Sinhazinha Gertrudes apaixona-se pelo filho do capataz e foge com ele, uma vez que sua mãe não aceita de modo algum o relacionamento entre os dois. Assim, Sinhá Carolina fica sozinha em Olhos d'Água até a chegada inesperada do filho do proprietário da fazenda Limoeiro, o qual fora expulso de lá pelo pai. Sinhá, contrariando

a opinião de todos, acolhe-o em sua fazenda como o novo capataz, e, por fim, decide casar-se com o rapaz e vender a sua fazenda para partir com ele sem um destino certo.

Entretanto, Sinhá Carolina é abandonada na estação de trem, ficando mais uma vez sozinha e sem nenhum dinheiro ou bem. Orgulhosa demais para retornar e pedir ajuda a seus familiares e conhecidos, abandona-se a sua própria sorte e, desolada, acaba por enlouquecer. Esquece-se, então, de quem foi e de tudo o que viveu e retorna para a região de Olhos d'Água como Choquinha, uma mendiga, motivo de riso para as crianças e de espanto para os adultos.

O outro eixo da história contempla a vida dos moradores da região de Olhos d'Água, que se tornou agora uma usina de açúcar. Nesse eixo temático, as personagens principais são Joca e Curiango. Curiango é descrita a partir de elementos da natureza, que demonstram simplicidade e alegria. Joca enamora-se por ela já na primeira vez em que a vê em uma festa da família e a descreve como tendo “candonda naquele corpo com jeito de água corrente; virando curva em remanso sereno, ou de cobra que se balanceia para dar bote” (GUIMARÃES, 2018, p. 62). Após ter alucinações envolvendo Curiango, Joca passa a vê-la como feiticeira e procura curar-se de seus sentimentos por ela com ajuda de uma benzedeira, acabando por aproximar-se de Mariana, a filha extraviada de Quinzote, outro morador da região. Mas, Curiango não desiste de Joca e os dois se reconciliam.

Entrando no universo mítico trabalhado em *Água Funda* (2018), Joca teria desdenhado dos poderes da Mãe de Ouro, entidade muito forte do folclore brasileiro, e por isso, passa a ter surtos dos quais não pode escapar. Seu primeiro surto foi no casamento da personagem Cecília, depois em seu noivado com Curiango. Após o casamento, ele vive com a esposa um período de felicidade, mas começa a trabalhar na usina de Olhos d'Água e os surtos se tornam mais frequentes. Joca é chamado por Mãe de Ouro a cumprir seu destino trágico e torna-se um errante.

Assim como acontece com Joca, outras personagens também encontram seu destino trágico. O narrador justifica estes acontecimentos como obra de uma praga lançada por um homem que havia tentado levar os caboclos para trabalhar no sertão, mas cujo tratamento aos funcionários seria muito ruim, levando-o a ser expulso após uma surra e humilhação:

O Antonio Olímpio matou a mulher e foi parar na cadeia. Aquele morre lá. O Pais encrencou com o patrão e foi embora com u'a mão adiante, outra atrás. Luís Rosa bebe de cair. Anda andando por essas estradas, com uns olhinhos de piaco-piaco. Com o Bebiano aconteceu o que aconteceu, no desastre da usina. E Joca é esse trapo que anda aí. (...) Até em Curiango a praga acertou. (GUIMARÃES, 2018, p. 80 - 81).

Em *Água Funda*, as personagens tornam-se impassíveis, apenas têm de cumprir sua sina. Segundo o narrador, “se aconteceu, é porque era bom que acontecesse”, e esta é a filosofia do romance: o pensamento primitivo de que nada na vida tem causalidade lógica, as coisas se explicam por meio de maldições, feitiços e outras forças misteriosas, sendo o destino a força maior.

Crítica sobre a obra de Ruth Guimarães

O romance *Água Funda* foi publicado em 1946 pela Editora Globo, de Porto Alegre, e recebeu elogios da crítica literária da época. Antonio Candido, que assinava a coluna “Notas de Crítica Literária” do *Diário de São Paulo*, apontou o tom pessoal e a naturalidade de escrever, impulsionada como uma exigência interior de Ruth Guimarães, como trunfos que refrescam a sensibilidade do leitor e a coloca como escritora apta a alcançar um nível literário de primeira ordem. Candido (1946) entende o folclore trabalhado por Ruth Guimarães como elemento pitoresco e não como dimensão poética, e compara a obra com o *Macunaíma* de Mário de Andrade, cujas transformações dos fatos do cotidiano em folclore trazem um tratamento poético. Candido (1946) afirma que o encanto da narrativa de Ruth Guimarães em *Água Funda* reside no fato desta estar bem ancorada na realidade, e embelezada por um rico acervo de comparações sertanejas. Quanto ao estilo da escritora, o crítico descreve como “expressivo e vivo, muito adaptado aos movimentos da narrativa e dotado de uma bela faculdade de síntese”. (CANDIDO, 1946, p. 15).

Ainda para Candido (1946), Ruth Guimarães possui duas qualidades básicas de ficcionista: estilo e capacidade narrativa; faltando-lhe, entretanto, maior tratamento à composição, por não explorar as possibilidades da ficção e não equilibrar as partes da narrativa mais sabiamente. Segundo o crítico, o romance, dividido em duas partes, decai do meio para o fim, pois, na primeira metade do livro, a autora apresenta a realidade com estilo sintético, com comparações e provérbios, sugerindo mais do que

descrevendo; já na segunda metade, a narrativa é feita com maior minúcia, apresentada de forma mais direta.

Candido (1946) conclui sua crítica afirmando que Ruth, “com admirável capacidade de simpatia humana e artística”, teceu a filosofia de seu romance com a própria concepção do caboclo, na qual não existe causalidade lógica, e sim forças misteriosas que atuam no mundo. Prevalecendo uma crítica positiva à narrativa de Ruth Guimarães, Candido enxergava um futuro autoral bem-sucedido para a escritora.

No “Letras e Artes”, suplemento do jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, o crítico Brito Broca também fez uma crítica ao romance *Água funda*, na seção “Livros em Revista”. Broca (1946) elogia a técnica de composição fragmentária, que foi muito preconizada pelos modernistas e repudiada pelos romancistas a partir de 1935, mas que no romance de Ruth se justifica, por suas circunstâncias particulares. O crítico comenta a naturalidade da narrativa, com tom moralizante e parabólico, próprios do caipira, que Ruth Guimarães retrata em seu romance, o que dá uma rapsódia sertaneja, com muito encanto e emoção.

Álvaro Lins (1947), no “Jornal de Crítica” do *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, fala sobre a temática do romance *Água Funda* e coloca a escritora entre os nomes femininos que destoam dos outros escritores do ano. Pela qualidade de sua obra, ele afirma que sua temática se apresenta fora do regionalismo político e também fora da tendência de se poetizar falsamente a vida rural, classificando-a em um regionalismo poético, baseado em uma verdade artística de caráter folclórico.

A edição de *Água Funda* de 2003, publicada pela Editora Nova Fronteira, do Rio de Janeiro, traz um prefácio assinado por Antonio Candido que, ali, considera Ruth uma prosadora de qualidade e conhecedora profunda da cultura popular brasileira. Ele afirma que a leitura do romance agrada por ser narrado ao modo dos contadores de casos, mas não se limita apenas a isso, apresentando, também, uma técnica bastante complexa, rica em elipses, saltos temporais e lacunas a serem preenchidas pelo leitor. O crítico ressalta a maneira com que os elementos míticos e místicos compõem a verossimilhança da narrativa.

Para Candido, a linguagem empregada em *Água Funda* consegue mostrar marcas peculiares do regionalismo com espontaneidade, mas sem carregar o discurso com os modismos caipiras. Assim, haveria em *Água Funda* um discurso “caracterizado

pela elaboração arte-ficial de uma linguagem que obedece à disciplina da gramática e, ao mesmo tempo, parece sair da boca do povo rústico. Isso se chama literatura e consiste em inventar uma linguagem suspensa entre o popular e o erudito” (CANDIDO, 2003, p. 8).

Além de fazer esse trabalho artístico com a palavra sem a descaracterizar, Ruth Guimarães também alcança em *Água Funda*, segundo Candido (2003, p. 9), a fundição dos planos e “passa com maestria do individual ao coletivo, do natural ao social, do real ao mágico”.

Literatura Regionalista

Desde o Romantismo, a literatura regionalista é tema importante para a crítica literária brasileira. Com o intuito de retratar a realidade dos habitantes do campo, esta literatura colaborou para a formação de um retrato sociocultural do país. Candido (1980) aponta o gosto pela expressão local e pelo exótico como fator impulsionador dessa tendência literária.

Alguns dos principais escritores do regionalismo romântico foram José de Alencar, Visconde de Taunay, Bernardo Guimarães, Franklin Távola, Valdomiro Silveira e José Américo de Almeida, os quais fizeram parte do projeto nacionalista de utilizar o romance como forma de pesquisa e descoberta do Brasil (OLIVEIRA, 2011).

Entretanto, segundo Candido (1997), estes escritores deixavam a desejar quanto à verossimilhança do que narravam em seus romances, tendo em vista que a vida do homem regional era analisada discursivamente por alguém de fora daquela realidade. Dessa maneira, a narrativa regionalista não se mostrava consistente e coerente com a realidade que inspirava a ficção, apresentando o mundo psicológico das personagens de forma rasa. Ruth Guimarães (2013) também se posiciona quanto à diferença qualitativa entre o escritor de obras regionalistas que conhece realmente a vida do homem do campo e aqueles que apenas criam uma ficção, mas não vivenciam a vida regional. Segundo a autora, “o escritor precisa ser uma pessoa do povo, que vive o que o povo vive, e que tenha burilado sua linguagem a ponto de ser capaz de transmitir com fidelidade e apuro linguístico a maneira de pensar e de viver do homem do povo” (GUIMARÃES, 2013, p. 107).

Além do Romantismo, o Modernismo também se preocupou em reafirmar a identidade brasileira, buscando constituir um retrato crítico da sociedade. Entretanto, o movimento moderno se diferenciou da expressão romântica, pois não apresentava apenas uma visão ufanista da vida regional, mas fazia uma representação crítica da sociedade brasileira, mostrando as personagens marginalizados do processo socioeconômico (OLIVEIRA, 2011). Para Oliveira (2011, p. 39), as manifestações regionalistas modernas são melhor construídas, pois “recriam com mais verossimilhança as características peculiares e os grandes desafios das regiões periféricas”.

Para Candido (1987, p.158), a literatura regionalista funcionou no Modernismo como “presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político”. Assim, foi superado o regionalismo pitoresco e este deu lugar a um regionalismo problemático, um romance social. Candido (1987) afirma que a partir das décadas de 30 e 40 houve um alargamento das literaturas regionais para uma escala nacional, que permitiu ao leitor ter uma visão mais ampla do país. Para o autor, isso se deve ao fato dessa literatura ser feita com “uma liberdade de narração simples e linguagem antes desconhecida. Mas deriva também do fato de todo o país ter tomado consciência de uma parte vital, o Nordeste, representado na sua realidade viva pela literatura” (CANDIDO, 1987, p. 187).

Em ensaio sobre a modernidade do romance, João Alexandre Barbosa (1983) aponta que a questão do regionalismo é, frequentemente, colocada em um polo de criação literária, no qual se acentua o valor documental da obra e não se valoriza a própria composição literária. Ao decorrer do ensaio, entretanto, Barbosa (1983, p.33) analisa as obras de Graciliano Ramos e Guimarães Rosa que se afirmam como “módulos a partir dos quais é possível pensar uma grande faixa de nossa literatura moderna”. Para Barbosa (1983, p. 37 - p. 41), as relações entre realidade e representação, encontram na obra de Graciliano Ramos “uma possibilidade essencial para que a linguagem codificada atinja seus limites”, e Guimarães Rosa amplia a reflexão sobre o regionalismo, “operando umas das mais felizes articulações entre realidade e representação”.

Este artigo pretende analisar o romance *Água Funda*, de Ruth Guimarães, a partir dos pontos de vista apontados acima, para verificar como é qualificado o regionalismo criado pela autora.

As simbologias da água

Um artifício muito utilizado em *Água Funda* é a presença da imagem das águas que carregam diferentes significações na narrativa e colaboram para a criação do universo místico do romance. Assim, considerando as diversas simbologias possíveis na imagem da água, de acordo com a cultura que a elabora e apresenta, é imprescindível conhecê-las, sendo também essencial compreender o feixe de significações que ela pode apresentar.

Segundo Chevalier & Gheerbrant (1990), as significações simbólicas da água abrangem três principais temas: fonte de vida, meio de purificação, centro de reconstituição. Bachelard (2002) ressalta o fato de haver outras significações para a imagem da água: as más, as boas, as amorosas, as que nos dão vida e as que nos matam. Outro teórico do imaginário, Durand (2002) aponta a imagem da água como, além de bebida, o primeiro espelho dormente e sombrio.

Sobre a polissemia apresentada pela imagem da água, Bachelard afirma que ela consiste em provar que

as vozes da água não são metafóricas, que a linguagem das águas é uma realidade poética direta, que os regatos e os rios sonorizam com estranha fidelidade as paisagens mudas, que as águas ruidosas ensinam pássaros e os homens a cantar, falar, repetir, e que há, em suma, uma continuidade entre a palavra da água e a palavra comum. (BACHELARD, 2002, p. 17).

Assim, é possível analisar as inúmeras associações possíveis a partir da imagem da água na literatura, verificando a maneira com que esta assimila a realidade da obra e contribui para as significações literárias.

Metodologia

A presente pesquisa se caracteriza como exploratória, de cunho bibliográfico e as análises foram realizadas à luz de Candido (1980), Barbosa (1983), Oliveira (2003), Benjamin (1984) e Bachelard (2002).

Primeiramente realizou-se uma análise geral do romance, envolvendo os elementos: narrador, espaço e tempo da história. Em seguida, foram abordadas as simbologias da água no romance, uma vez que estas contribuem para as imagens criadas na narrativa.

Análise do *Corpus*

O romance *Água Funda* possui um narrador de conhecimento onisciente, que se mostra como uma personagem não nominada e relata os acontecimentos do local, uma vez que estava presente em grande parte deles. Este narrador é um indivíduo do povo, pela sua narração percebemos que não possui conhecimento erudito ou acadêmico, mantendo um discurso coloquial, baseado na sabedoria popular com explicações sobrenaturais. Isto pode ser observado no trecho a seguir:

Choro de gente enganada, gente de boa-fé, que caiu no logro, chama atraso. O que a água deu, a água leva. Não pode ser que não lhe tenha acontecido nada. O inferno é aqui mesmo, moço. Quem faz a Deus, paga ao Diabo. Quem rouba, é roubado. Quem fica devendo, sofre calote do outro. Ninguém faça que não pague. Essa é a lei. (GUIMARÃES, 2018, p. 146-147).

Walter Benjamin (1994), em sua análise sobre a narrativa de Nicolai Leskov, apresenta o narrador ligado a experiências orais e populares, possível de se encontrar em dois grupos distintos, representados pelo “marinheiro comerciante”, aquele que vem de longe, conhece muitos lugares, e pelo “camponês sedentário”, que vive sua vida sem sair de seu país e conhece suas histórias e tradições. O narrador de *Água Funda* dialoga com este último grupo apresentado por Benjamin, pois sendo parte daquela região, conhece seus costumes, sua história e faz uma narrativa a partir dela.

Ainda neste estudo, Benjamin (1994) afirma que o narrador é alguém que sabe dar conselhos, por meio de ensinamentos morais, sugestões práticas ou provérbios. Para Benjamin (1994, p. 200), “o conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria”. Pensando desse modo, ao tecer sua narrativa, o narrador de *Água Funda* apresenta as experiências de vida do seu povo, ligadas ao conhecimento empírico e às credências, e mostra a sabedoria e universalidade do povo caipira.

Benjamin (1994) destaca também que as melhores narrativas são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos narradores anônimos, advindas da

experiência que passa de pessoa a pessoa. O narrador de *Água Funda* possui esta característica, pois narra como se estivesse em uma conversa corriqueira, um contar de casos, em que relembra memórias de seu povo e convida o leitor a refletir sobre o sentido da vida. Para Benjamin,

quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Esta naturalidade está presente na obra *Água Funda*. O narrador, em muitos momentos, faz sugestões simples que deixam abertas à imaginação do leitor, faz comparações com a natureza, utiliza de provérbios e lendas, o que possibilita uma interpretação mais pessoal. Esta naturalidade é reforçada quando o narrador expressa juízos de valor e tira suas conclusões a partir dos fatos que narra:

O que sinhá devia fazer era chamar sinhazinha e falar direto com ela. Isso, caso tivesse alguma razão para não consentir no casamento, melhor do que por ser o moço filho do capataz. Devia fazer. Mas fez? Que esperança! Sinhá tinha queixo duro que nem mula velha. (GUIMARÃES, 2018, p. 31).

A recorrência à oralidade pode ser vista como uma estratégia discursiva que favorece o estabelecimento do regionalismo no romance, sendo esta uma das principais marcas regionalistas presentes na obra *Água Funda*.

Água Funda ambienta-se na região de Nossa Senhora de Olhos d'Água, antiga fazenda de Sinhá Carolina do tempo dos escravos, que depois tornou-se uma usina de cana-de-açúcar. Na epígrafe do romance é reforçado que a história se passou em qualquer tempo e lugar, buscando sugerir que os fatos tratam de temas universais, entretanto, ao decorrer do romance surgem referências a cidades, como Itajubá, Cruzeiro, Rio de Janeiro, Soledade e Queluz, que delimitam o espaço da narrativa.

Assim, é possível afirmar que *Água Funda* tem como cenário o Vale do Paraíba, na fronteira de três estados: São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, espaço demarcado pela Serra da Mantiqueira e pelo Rio Paraíba do Sul. Segundo Oliveira (2003), a imagem diegética do romance é inspirada na realidade do caipira do Vale do Paraíba, homem que vive distante do centro urbano e é caracterizado por hábitos simples e envolvidos por explicações sobrenaturais e vinculadas à natureza.

Há no romance uma escolha pela não demarcação clara do tempo da narrativa, embora, a partir de elementos que aparecem na obra, seja possível identificar que a história se passa no período entre a segunda metade do século XIX e o início do século XX. A fazenda Olhos d'Água, espaço principal da narrativa, é também o que possibilita a delimitação temporal, uma vez que deixa de ser uma fazenda da época da escravidão para uma usina, integrando um padrão industrial.

O passar do tempo em *Água Funda*, segundo Oliveira (2003), aponta as mudanças ocorridas também no âmbito social, pois com as mudanças temporais, as vidas das personagens principais Sinhá Carolina e Joca são transformadas e descaracterizadas.

Assim, ao demarcar o espaço, o tempo e a realidade do homem caipira, *Água Funda* se insere de forma consistente na literatura regionalista, e ao abordar as singularidades da cultura regional, as concepções de mundo, natureza e crenças ao lado de temas universais como o amor e o destino, o romance dialoga com o projeto estético modernista.

Para Barbosa (1983), o regionalismo moderno pode ser concebido pelo maior tratamento à linguagem, fazendo com que esta atinja seus limites no romance, e não apenas na concepção da obra enquanto documento que retrata uma região. *Água Funda* não articula a linguagem de uma forma que mostre o desequilíbrio entre realidade e representação, como faz, por exemplo, Guimarães Rosa em sua obra, mas em alguns aspectos da narrativa existe a busca por esta desarticulação, seja por meio do discurso do narrador, que parece dialogar com um interlocutor não definido, seja pelo trabalho com a linguagem, que parece ficar suspensa entre o popular e o erudito.

Além destes aspectos, Ruth Guimarães demonstra também sua preocupação literária ao criar, em seu romance, pequenas relações com obras de outros autores do regionalismo, podendo ser inúmeras as análises quanto a isso. Como exemplo, podem ser citadas as referências ao *Iracema* de José de Alencar, quando o narrador inicia a narrativa afirmando que Curiango era “tão boa como mel de jati” (GUIMARÃES, 2018, p. 17), assim como sobre *Iracema*, o narrador afirmava que “o favo da jati não era doce como seu sorriso” (ALENCAR, 2013, p. 27). Neste início da narrativa acontece também uma referência às serras de Iracema, com a afirmação do narrador: “A Mãe de Ouro mora no outro lado da serra” (GUIMARÃES, 2018, p. 17), como no trecho em

que se diz onde nasceu a índia: “Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.”. (ALENCAR, 2013, p. 27).

A escolha pela simbologia da água, a qual aparece em diversos momentos da narrativa, pode ser vista também como uma tentativa de trabalhar o discurso para que se aproxime do entendimento místico das personagens do romance. A seguir, busca-se compreender como as imagens da água contribuem para o romance *Água Funda*.

As imagens da água em *Água Funda*

Conforme Antonio Candido (1946), o romance *Água Funda* é constituído por uma grande quantidade de comparações e provérbios, que contribuem para a representação da vida pela ilusão literária. Dentre este rico acervo de comparações, destacam-se as alusões à água, pois para fundamentar as exemplificações com que constrói a narrativa, o narrador utiliza o termo *água* em seus diversos significados.

A começar pelo título e pelo nome da fazenda que serve de espaço para a narrativa, diversos elementos e acontecimentos da história reportam-se às águas. A fazenda Olhos D’Água tem esse nome devido a uma lenda da região em que ocorre um “borbulhar de nascentes de água boa, lá para o lado de onde desce o ribeirão. Os mais velhos dizem que são lágrimas que a mãe-d’água tem chorado”. (GUIMARÃES, 2018, p. 30). O título *Água Funda* traz a filosofia principal do romance, na qual as pessoas passam na vida, e independente do que façam, quando se vão é como se nada tivesse acontecido, tudo volta ao normal. Como pode ser verificado no trecho abaixo:

A gente passa nesta vida, como canoa em água funda. Passa. A água bole um pouco. E depois não fica mais nada. E quando alguém mexe com varejão no lodo e turva a correnteza, isso também não tem importância. Água vem, água vai, tudo fica no mesmo outra vez. (GUIMARÃES, 2018, p. 53).

De maneira geral, conforme Chevalier & Gheerbrant (1990), as águas simbolizam a vida, uma vez que saciam a sede e fertilizam o solo, porém, elas podem apresentar também outras significações. Neste trecho, a água carrega um sentido de renovação e evidencia também a pequenez das pessoas em comparação à amplitude da vida, metaforizada pela água funda.

Desse modo, em *Água Funda* há a elevação do símbolo da vida, partindo do princípio de que a ela é passageira e os homens pequenos em comparação com a

grandiosidade e com os mistérios que a vida possui. Assim, os indivíduos precisam se purificar e aproximar-se dos valores positivos.

Na tradição cristã, a água purifica e lava os pecados, pois é por meio do dilúvio presenciado por Noé, por exemplo, que Deus lavou o pecado do mundo. A água é também o que purifica o homem no batismo para uma aproximação com Deus. Assim, Joca encontra tranquilidade em um momento da narrativa e a sensação que tem é a de estar sobre as águas: “Sentiu-se tão leve como..., assim como se tivesse flutuando no ribeirão, nu em pelo, de barriga para cima, deixando a água levar o corpo abandonado”. (GUIMARÃES, 2018, p. 76).

Em *Água Funda*, a água apresenta também o sentido de fertilidade, quando diz, por exemplo, que sinhá foi a responsável pelo sucesso e beleza de Olhos D’Água: “a fazenda estava embelezada e viçosa, como planta depois da chuva. Sinhá foi a chuva.”. (GUIMARÃES, 2018, p. 55). Para mostrar a imprevisibilidade da vida, o narrador compara as escolhas como feitas em um fundo d’água:

O céu que sinhazinha saiu para procurar, depois, podia ser que fosse um céu de fundo d’água. O que é que não é, não se pode saber antes do tempo. Tudo que a gente pensa que é céu, é céu mesmo. Até o dia em que pensa que é lodo de ribeirão e mais nada. (GUIMARÃES, 2018, p. 35).

Para narrar o romance de Joca e Curiango, a água é constantemente utilizada. Ao conhecer Curiango, Joca se encanta e a descreve como tendo “um corpo com jeito de água corrente, virando curva em remanso sereno”. (GUIMARÃES, 2018, p. 69). Quando expressa seus sentimentos por Curiango, Joca também os compara com as sensações causadas pelas águas: “Eu gosto dela, como gosto de mergulhar os pés na água fresca em dia calorento; como gosto de sol no cangote em manhã fria; como gosto de cheiro de terra molhada; como gosto de beber água de nascida, em folha de taiova” (GUIMARÃES, 2018, p. 111).

Também para metaforizar os conflitos internos de Joca ao ver-se distante de Curiango, e apaixonado por ela, o narrador diz: “quando chove chuva forte, a água fica suja. Fica por pouco tempo. A água barrenta passa. O lodo volta ao fundo de onde veio. E, mais dia, menos dia, corre água limpa outra vez”. (GUIMARÃES, 2018, p. 89). Dessa maneira, o universo diegético de *Água Funda* é repleto de comparações e

exemplificações que utilizam a imagem da água, reforçando o caráter regional que utiliza aspectos da natureza para explicar as situações da vida.

Sinhá Carolina e Joca são as personagens principais que passaram pela água funda da vida no romance, ensinando que a vida é passageira, e o destino de cada ser humano é irrevogável. Esta água funda procura, assim, trazer ensinamentos aos leitores, comprovando um discurso regionalista, pois é inspirado nas concepções do homem simples, o caipira, mas atinge também uma universalidade temática, pois os temas abordados não se restringem apenas àquele meio.

Considerações Finais

Por meio de uma voz narrativa que prende a atenção do leitor, pois parece dialogar com quem lê, o romance *Água Funda* insere-se na Literatura Regionalista, pois narra a vida do homem do campo, seus costumes e crenças. Contudo, os temas deste romance ultrapassam o pitoresco, pois são abordados temas universais, como amor e destino. Além disso, o regionalismo de Ruth Guimarães expõe uma voz periférica e historicamente marginalizada, aproximando-se da concepção de Antonio Candido do regionalismo moderno, em que a ficção agrega, em suas entrelinhas, uma crítica social.

Para além destas questões temáticas, *Água Funda* apresenta uma verdadeira elaboração da linguagem, que se estabelece entre a norma padrão da língua e o simples falar do povo rústico. Por meio de um ritmo agradável, comparações sertanejas e presença de mitos, lendas e alusões à natureza, o leitor tem acesso ao modo de vida do homem regional e sua visão de mundo. O romance aborda, assim, a filosofia do homem caipira de que as coisas acontecem como tem que ser, e as explicações se encontram no sobrenatural e mítico.

Por meio das referências às simbologias da água, *Água Funda* reforça a presença dos elementos naturais na vida regional, criando uma atmosfera de proximidade entre os acontecimentos da vida e a natureza.

Este artigo não teve a pretensão de esgotar as análises sobre *Água Funda*, mas destacar a importância da obra para a literatura brasileira e contribuir para a interpretação do romance. Desse modo, espera-se que os estudos sobre *Água Funda* continuem, com as inúmeras possibilidades do romance de serem analisadas.

Referências

- ALENCAR, José de. *Iracema*. Brasília: Edições Câmara. 2013.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. Tradução de Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BARBOSA, João Alexandre. A modernidade no Romance. In: *O livro do seminário: ensaios*. São Paulo: L. R. Editores Ltda., 1983. p. 19 - 42.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p.197-221.
- BOTELHO, Joaquim Maria Guimarães. A missão de Ruth. In: *Revista Ângulo*. n. 137. Vol. 1. Abril-junho de 2014. p. 28-30.
- BROCA, Brito. *Livros em Revista – Ruth Guimarães, Água Funda*. Letras e Artes (Suplemento de A Manhã), Rio de Janeiro. 8/9/1946.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática. 1987.
- CANDIDO, Antonio. Literatura e Cultura de 1900 a 1945. In: CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ed. Nacional, 1980. p. 109-138.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo - Itatiaia: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975. V. 2.
- CANDIDO, Antonio.. Prefácio. In: GUIMARÃES, Ruth. *Água funda*. São Paulo: Nova Fronteira, 2003, p.7-11.
- CANDIDO, Antonio. Notas de crítica literária- Água Funda. *Diário de S. Paulo*, São Paulo. 14/11/1946.
- CHEVALIER, Jeane GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, número)*. Tradução de Verada Costa e Silva. 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1990.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Tradução de Helder Godinho. 3a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- GUIMARÃES, Ruth. *Água Funda*. São Paulo: Editora 34, 2018.
- LINS, Alvaro. Jornal de crítica – romances, novelas e contos (IV) – Ruth Guimarães, Água Funda. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro. 3/1/1947.
- OLIVEIRA, Ana Paula Marques Cianni. *Um mergulho em Água funda e suas distintas vertentes*. (Dissertação de Mestrado). Novo Hamburgo-RS: Feevale, 2011.

PASIN, José Luiz. Ruth Guimarães: Bio-bibliografia. In: *Revista Ângulo*. n. 137. Vol. 1. Abril-junho de 2014. p. 119-121.

A DIVE INTO *ÁGUA FUNDA*, BY RUTH GUIMARÃES: REGIONALIST LITERATURE AND THE SYMBOLS OF WATER

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the novel *Água Funda* by Ruth Guimarães and verify its integration in the Regionalist literature. The studies about regionalism were carried out based on Candido (1987) and Barbosa (1983), in order to qualify the work of Guimarães (2018) within the Brazilian regionalism. Basing on Benjamin (1994), an analysis was made about the storyteller of the novel, and for the analysis of the *Água Funda* speech, which relies on aspects of nature, it was verified, in the light of Bachelard (2002) and Durand (2002) how the symbologies of water contributed to the diegetic universe of the novel.

Keywords: Regionalist literature, Ruth Guimarães, Literary analysis, Water symbologies.